

O COMÉRCIO INFORMAL EM SANTA MARIA: TRAJETÓRIA E PERSPECTIVAS

MATHEUS ROSA PINTO (matheuspbutia@hotmail.com) / História / Centro Universitário Franciscano - UNIFRA, Santa Maria - RS

ORIENTADOR: ROSELÂINE CASANOVA CORRÊA (casanova@unifra.br) / História / Centro Universitário Franciscano - UNIFRA, Santa Maria - RS

Palavras-Chave:

Santa Maria, comércio informal, consumo, capitalismo, história oral

A cidade de Santa Maria se notabilizou desde a fundação do seu núcleo urbano, no final do século XVIII, por ser uma localidade de passagem de pessoas e de grande força no setor comercial. Estas características auxiliaram na vinda de diversas hordas migratórias que, dentre estes merecem destaque: italianos, portugueses, espanhóis, sírio-libaneses, paulistas, indígenas e negros libertos.

Com este crescimento gradual, a economia da cidade se intensificou, e o comércio transformou-se no motor propulsor da cidade, atendendo não só a cidade, como a região central do Estado. Este alargamento de funções e de relevância está vinculado, sem dúvida, a localização geográfica do município, ao aumento significativo da população, sobretudo a partir da chegada da Viação Férrea (1885), além, claro, do contingente militar e da chegada de colégios religiosos, no início do século XX.

Este intenso trânsito de indivíduos de diferentes procedências fez com que as cidades passassem por grandes transformações, tornando-se natural o surgimento de problemas no seu setor organizacional, sejam eles no quesito da segurança (crimes), na economia (oportunidades de emprego, divisão de renda), no âmbito social (questões de cidadania) ou espacial (infraestrutura - saneamento básico, ruas, serviço público). Fatores estes que aconteceram em uma velocidade assustadora e gradual.

Isto ocorreu pelo fato que a organização inicial dos centros urbanos não acompanhou o aumento do contingente populacional que nela passou a habitar, fazendo com que sua estrutura se tornasse insuficiente e precária. Somando-se a isso, a crescente desigualdade social/econômica, fomentada pelo capitalismo predatório desenvolvido no mundo, potencializou as fragilidades e a polarização social, gerando um ambiente de tensão e disputas.

Toda essa tensão estava mudando as cidades e, em muitos aspectos, no sentido negativo. Todavia, o contingente populacional não diminuía, pois ninguém queria deixar o lugar onde tudo acontecia: o centro urbano.

Com este quadro de grandes mudanças e individualização, formam-se os segmentos marginalizados e estereotipados da sociedade, contribuindo na estimulação de preconceitos e discriminações, dificultando assim, as relações entre os diferentes grupos e construindo um abismo entre cidadãos que dividem o mesmo espaço.

Sabendo disso, os indivíduos passam a buscar meios para atenuar tais desigualdades e afastamentos. Um

deles é o consumo/consumismo que deve ser visto como mecanismo de expansão do mercado e de reprodução da força e para ostentação do 'sucesso' obtido.

Observando estes processos, a figura do vendedor ambulante surge como uma ponte para diminuir esse distanciamento classista, pois, com suas mercadorias livres de impostos e, conseqüentemente, com menor custo, a compra de produtos, antes alcançados apenas pelos mais ricos, torna-se viável.

Através disto, surgem questionamentos acerca de como se deu a formação e desenvolvimento dos vendedores ambulantes em Santa Maria e de que maneira os demais segmentos sociais percebem suas atividades?

A pesquisa em questão busca compreender a importância da presença dos vendedores ambulantes na Avenida Rio Branco (1991), e como se deu a sua ocupação até a mudança para o Shopping Independência (2011). Juntamente a isso, será trabalhada a percepção dos agentes inseridos nas atividades deste setor comercial: vendedores informais, comerciantes formais, órgãos públicos, mídias e o cidadão comum.

O projeto de pesquisa mostrou-se relevante, além do sentido historiográfico, pela tentativa de compreender os estereótipos que são criados entre os agentes participantes. Vale ressaltar que o estudo em questão não pretende o juízo de valores acerca dos vendedores informais. Este trabalho pretende apresentar e compreender a dinâmica dos vendedores informais, a resistência dos lojistas formais às práticas informais de comércio e como tudo isso é tratado pela sociedade, no período já mencionado.

Das fontes, privilegiar-se-ão artigos de jornais, a história oral, a legislação municipal, bem como bibliografia específica sobre o tema, além de entrevistas, várias leituras sobre o tema, seguido da elaboração de pareceres, fichamentos, e de pesquisas em arquivos públicos e privados completaram o método de pesquisa. Cabe ressaltar que tais levantamentos foram alcançados através de visitas ao Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria e a Casa de Memória Edmundo Cardoso (CMEC).

REFERÊNCIAS:

BAUMAN, Zygmunt; Trad. Carlos Alberto Medeiros.; Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria; Rio de Janeiro; Zahar; 2008.

CALVINO, Italo;; As cidades invisíveis; São Paulo; Companhia das Letras; 1990..

CANCLINI, Nestor, C.; Consumidores e Cidadãos: conflitos, multiculturais da globalização;; Rio de Janeiro; ed. UFRJ; 1996.

KRAYCHETE, G. (Org.); Economia dos setores populares: entre a realidade e a utopia; Petrópolis - RJ; Vozes; 2000.

LEBREFRVE, Henri. ; Lês Révolution urbaine; Paris; Gallirnard; 1970..